Não volte para buscar sua camisa

As coisas deixadas para trás não substituem uma confissão sincera



Laura Bellini

Não volte para buscar sua camisa

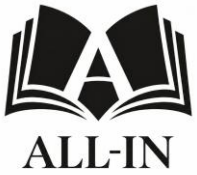
As coisas deixadas para trás não substituem uma confissão sincera

Laura Bellini

ROMANS

ISBN: 9788384905593

ALL-IN Rafał Płonkowski



ÍNDICE

INTRO 4
Capítulo 1 - A condição para voltar 12
Capítulo 2 - Oito enquadramentos 23
Capítulo 3 - A luz que não estava nos nossos planos..... 37
Capítulo 4 - Fora do enquadramento 51
Capítulo 5 - O direito ao meu próprio tempo..... 70
Capítulo 6 - Um momento sem pretexto 83
Capítulo 7 - As coisas que não nomeamos 96
Capítulo 8 - O mundo dele..... 109
Capítulo 9 - Aquilo que não pode ser deixado para depois 123
Capítulo 10 - Não apenas por um instante 139
Capítulo 11 - A manhã seguinte 154
Capítulo 12 - Uma pergunta sem resposta conveniente 164
Capítulo 13 - O preço dos planos compartilhados..... 178
Capítulo 14 - Aquilo que tememos..... 190
Capítulo 15 - Todas as coisas deixadas para trás 200
Capítulo 16 - Um espaço para respirar..... 211
Capítulo 17 - Uma escolha própria 224
Capítulo 18 - Sem nada nas mãos 235
Capítulo 19 - Sem nenhum pretexto 247
Capítulo 20 - Deixe aqui, se pretende ficar..... 256

INTRO

Na sexta-feira, às 21h17, o apartamento estava exatamente como eu havia sonhado. As paredes claras refletiam a luz quente das luminárias, o piso de carvalho tinha o tom perfeito e a última poltrona estava posicionada no ângulo certo, de modo que, do sofá, era possível apreciar a vista dos antigos edifícios de Cracóvia. Tudo havia encontrado seu lugar. Até mesmo o pequeno vaso com um ramo de oliveira, que eu passara o dia inteiro deslocando alguns centímetros de um lado para o outro, finalmente havia deixado de me incomodar.

O trabalho estava concluído. As fotografias estavam prontas, a lista de ajustes havia sido encerrada e o proprietário estava satisfeito. No dia seguinte, eu entregaria toda a documentação e as chaves. Depois, pretendia voltar para minha casa, tomar um banho demorado, pedir alguma coisa gostosa para comer e passar a noite inteira sem pensar em trabalho.

Era um plano perfeitamente razoável.

O problema era que Miłosz Brzoza ainda estava no apartamento.

Ele estava perto da janela, conferindo as últimas fotografias na tela da câmera. Vestia uma calça escura e uma camiseta branca com as mangas dobradas. Os cabelos, geralmente arrumados com cuidado, agora caíam um pouco sobre sua testa. Parecia não ter a menor intenção de se apressar. Aliás, eu nunca tivera a impressão de que Miłosz permitia que alguém determinasse o ritmo das coisas por ele.

— Essa é a última? — perguntei, apontando para a câmera.

— A última, desde que você não invente mais alguma coisa que precise ser corrigida.

— Eu não invento. Apenas enxergo.

Ele virou a cabeça e sorriu discretamente.

— É exatamente por isso que gosto de trabalhar com você.

Não respondi imediatamente. A frase parecia inocente, mas, quando vinha dele, tinha uma propriedade irritante. Podia significar tudo ou absolutamente nada. Miłosz era capaz de dizer alguma coisa que continuava voltando à minha cabeça durante as horas seguintes, nos momentos menos apropriados, e depois agir como se tivesse feito apenas um comentário corriqueiro sobre nossa parceria profissional.

Nós nos conhecêramos algumas semanas antes, justamente por causa daquele projeto. Eu era responsável pelo design de interiores, enquanto ele cuidava das fotografias do imóvel. No começo, nossas conversas giravam em torno da disposição dos móveis, da iluminação e dos prazos. Depois, passaram a incluir café, música e os motivos pelos quais eu não gostava de pessoas que confundiam autoconfiança com falta de educação. Miłosz tinha uma teoria própria sobre o assunto, bastante elaborada, por sinal.

E então vieram as noites que não tinham absolutamente nada a ver com trabalho.

Eu não estava planejando um romance. Não procurava alguém para preencher meu tempo livre. Tinha trinta e dois anos, meu próprio trabalho, meu apartamento e experiência

suficiente para saber que um encontro agradável não precisava, automaticamente, significar o começo de alguma coisa séria. Mas também não estava interessada em fingir que a intimidade não tinha importância quando nós dois sabíamos perfeitamente que tinha.

Miłosz parecia ter uma visão bem mais flexível sobre esse assunto.

— Terminei — anunciei, retirando as amostras de tecidos da bancada. — Amanhã vou devolver as chaves. Você pode me enviar as fotografias em alta resolução, e eu as encaminharei ao proprietário.

— Já enviei.

— Claro. — Olhei para ele. — Então podemos considerar que estamos livres.

— Parece uma declaração bastante séria.

— É apenas uma informação sobre o encerramento do projeto.

— Eu sei.

Ele voltou a examinar as fotografias, enquanto eu me virava para a mesa. Era justamente ali que estava o objeto que eu não conseguira encaixar em nenhum dos meus planos cuidadosamente organizados.

A camisa de Miłosz.

Azul-marinho, de algodão macio, com a gola ligeiramente amassada. Eu a encontrara pela manhã no encosto de uma cadeira. Antes, ela estava caída no chão, ao lado do sofá, mas achei melhor não deixá-la ali. Também não pretendia lavá-la, passá-la ou fingir que não sabia a quem pertencia.

Dobrei a camisa cuidadosamente e a coloquei ao lado da bolsa de equipamentos fotográficos dele.

— É sua — falei.

Miłosz olhou para a camisa e depois para mim.

— Você se lembrou.

— É difícil esquecer uma peça de roupa que ocupa metade de uma cadeira.

— Achei que talvez você tivesse jogado fora.

— Por que eu jogaria fora suas coisas?

— Não sei. Algumas pessoas gostam de gestos dramáticos.

— Algumas pessoas deixam suas roupas para trás como se pretendessem voltar.

Por alguns instantes, ele ficou em silêncio. Sua expressão praticamente não mudou, mas percebi que havia parado de girar a câmera entre as mãos.

— Posso voltar para buscá-la amanhã — disse.

Balancei a cabeça.

— Você pode levá-la agora.

— Não estou com pressa.

— Eu estou um pouco.

Não havia nada naquela frase que eu não pudesse justificar. Tivera um dia longo, na manhã seguinte tinha uma reunião com um cliente e depois queria simplesmente voltar à minha própria vida. Só que nós dois sabíamos que não se tratava apenas da camisa.

Miłosz se aproximou da mesa. Pegou a peça, esticou o tecido e, por um instante, observou o punho.

— Está com um cheiro bom — comentou.

— Está limpa.

— Não estou falando do sabão.

Disse aquilo calmamente, sem sorrir. Lembrei-me de alguns dias antes, quando ele estava atrás de mim na cozinha, enquanto eu preparava café, e comentou que gostava do cheiro do meu cabelo. Também me lembrei de que, naquela ocasião, me virei para ele em vez de fingir que não tinha ouvido.

Miłosz tinha o talento de perceber pequenos detalhes que outras pessoas não notavam. Sabia quando eu precisava de um momento de silêncio, quando estava irritada apesar de ainda estar sorrindo e quando era hora de parar com as brincadeiras.

Era justamente isso que me atraía nele muito mais do que sua aparência.

Uma pena que ele fosse tão bom em perceber as necessidades dos outros e tão ruim em dar nome às próprias.

— Miłosz...

— Natasza.

Ele pronunciou meu nome com um leve divertimento, como se já soubesse o que eu estava prestes a fazer.

— Não comece.

— Não estou começando nada.

— É exatamente esse o problema.

O sorriso desapareceu de seu rosto. Por alguns instantes, ficamos nos olhando através da mesa, sobre a qual estavam a camisa, meu caderno de anotações, dois lápis e as amostras de tecidos. Objetos comuns, um apartamento comum, o encerramento de um trabalho comum. Tudo deveria ser simples.

— Não precisamos conversar sobre tudo agora — disse ele por fim.

— Eu não pedi para conversarmos sobre tudo.

— Então sobre o quê?

Tive vontade de responder que sobre nós. Sobre o que realmente estávamos fazendo quando o trabalho terminava e ficávamos sozinhos. Sobre por que ele era capaz de aparecer depois da meia-noite só para tomar um chá comigo e, na manhã seguinte, falar das próprias coisas como se elas fossem o único motivo de sua visita. Sobre por que sempre encontrava uma desculpa para prolongar nossos encontros, mas nunca propunha algo que exigisse dar um nome ao que existia entre nós.

Em vez disso, fechei meu caderno.

— Sobre se você realmente pretende vir amanhã buscar essa camisa.

Miłosz me olhou atentamente.

— Se você quiser que eu venha.

— Não quero que você venha só porque deixou uma peça de roupa aqui.

— E se eu tiver outro motivo?

Foi a primeira frase daquela noite que soou como algo além de uma brincadeira ou de uma troca conveniente de palavras. Mesmo assim, não dei um passo em sua direção. Não pretendia facilitar uma saída para ele antes que tivesse a coragem de completar o que acabara de dizer.

— Então pode me contar qual é.

Durante alguns segundos, tive a impressão de que ele realmente faria isso. Vi quando baixou os olhos para a

camisa e depois voltou a olhar para mim. Algo surgiu em sua expressão que não consegui identificar. Hesitação? Cautela? Talvez apenas cansaço.

No fim, colocou a camisa dentro da bolsa.

— Boa noite, Natasza.

Não tentei impedi-lo de sair. Não porque não quisesse que ficasse. Justamente porque queria demais que ele ficasse para continuar fingindo, mais uma vez, que sua presença era suficiente como resposta.

Acompanhei-o até a porta. Antes de sair, ele ainda se virou por um instante.

— Amanhã nos falamos sobre as fotografias?

— Sobre as fotografias, sim.

Ele assentiu. Não me beijou, sequer tocou minha mão. Por um momento, permaneceu parado na entrada, como se estivesse esperando alguma coisa que nenhum de nós queria dizer em voz alta. Depois, foi embora.

Fechei a porta e apoiei as costas nela.

O apartamento voltou a ficar em silêncio. Restaram o cheiro de café, o calor das luminárias e um pequeno vestígio da presença de outra pessoa. No encosto da cadeira havia agora um espaço vazio, exatamente onde, naquela manhã, estivera a camisa dele. Eu não imaginava que um objeto tão pequeno pudesse deixar uma ausência tão evidente.

Voltei à sala de estar e apaguei a luz sobre a mesa. Tinha tudo de que precisava para encerrar aquela etapa: o trabalho concluído, a documentação preparada, meus próprios planos e, finalmente, um cabide vazio onde, havia alguns dias, ficara pendurada a jaqueta dele.

Só não tinha resposta para uma única pergunta.

Miłosz realmente queria voltar para mim ou simplesmente nunca conseguia decidir quando deveria ir embora?

Capítulo 1 - A condição para voltar

Na manhã de sábado, Cracóvia parecia uma cidade que não tinha a menor intenção de se preocupar com os meus planos. As ruas estavam movimentadas como de costume, os bondes atravessavam os cruzamentos e as pessoas, segurando copos de café de papel, apressavam-se para cuidar dos próprios compromissos. Enquanto isso, eu estava parada no apartamento da rua Krupnicza, segurando uma pasta com documentos em uma das mãos e o celular na outra. Na tela, havia uma mensagem da proprietária que eu já estava relendo havia dez minutos.

Marta Kulesza deveria chegar às dez e meia para receber as chaves e assinar o termo de entrega final. Depois disso, só me restaria voltar para casa. Eu não pretendia mais ajeitar as almofadas, mudar as luminárias de lugar ou pensar se as cortinas escolhidas ficariam melhores em um tom de branco off-white. O projeto estava concluído. Pelo menos, na medida em que qualquer projeto pode ser considerado concluído quando a cliente tem uma capacidade praticamente ilimitada de descobrir novas possibilidades.

A mensagem de Marta era curta.

Vou me atrasar quinze minutos. Ainda tenho mais uma coisa sobre a qual gostaria de conversar com vocês. Miłosz também vai estar aí?

Li novamente.

Não respondi.

Não porque não soubesse a resposta. Miłosz não tinha motivo para aparecer ali. As fotografias haviam sido feitas, os arquivos enviados e, na noite anterior, ele até tinha

levado sua camisa embora. Se Marta quisesse discutir alguma questão relacionada às fotos, poderia entrar em contato diretamente com ele.

Era justamente isso que eu pretendia sugerir quando percebi um pequeno estojo preto deitado embaixo da mesinha da sala.

Agachei-me e o peguei do chão. Era achatado, feito de material rígido e tinha um pequeno zíper. Eu sabia o que havia dentro. Cartões de memória e um pequeno leitor que Miłosz usava durante o trabalho. Provavelmente tinham escorregado do bolso lateral da bolsa quando ele guardou o equipamento na noite anterior.

Por um instante, considerei deixá-lo na portaria do prédio. Depois pensei que não deveria tomar decisões por ele. O estojo continha materiais de trabalho, talvez até arquivos de projetos particulares. Eu não tinha o direito de presumir que ele poderia esperar até segunda-feira.

Peguei o celular.

Seu estojo de cartões ficou aqui. Ainda estarei no apartamento até as onze.

A resposta chegou mais rápido do que eu esperava.

Estarei aí em vinte minutos.

Olhei para o relógio.

— Claro — murmurei para mim mesma.

Eu poderia simplesmente ter escrito que deixaria o estojo com Marta. Também poderia ter perguntado se não seria suficiente enviá-lo por um serviço de entrega. Em vez disso, coloquei o celular de lado e voltei a conferir os documentos, como se a minha concentração pudesse determinar se Miłosz apareceria ou não na escada.

Ele chegou em dezoito minutos.

Ouvi a campainha antes mesmo de conseguir fechar a pasta. Abri a porta e o encontrei usando uma jaqueta escura, com a câmera pendurada no ombro. Em uma das mãos, segurava dois copos de papel.

— Bom dia — disse ele.

— Não sabia que a retirada do estojo incluía serviço de alimentação.

— Não inclui. Um dos copos é meu.

— Maravilha. Pelo menos não vou me sentir obrigada a recebê-lo como anfitriã.

Ele sorriu, e eu me afastei para deixá-lo entrar.

— Ainda está no modo gerenciamento de espaços? — perguntou, olhando ao redor da sala.

— Ainda estou no modo entrega do apartamento à proprietária.

— Então está tudo no lugar?

— Exceto você.

— Essa parte posso resolver rapidamente.

Ele colocou um dos copos sobre a bancada e estendeu a mão para pegar o estojo, que estava ao lado dos documentos. Entreguei-o sem comentários. Miłosz verificou o conteúdo, abriu o zíper, contou os cartões e só então guardou tudo no bolso da bolsa.

— Obrigado.

— Não foi nada.

Ele já poderia ter ido embora. Tinha conseguido o que viera buscar. Eu precisava voltar aos meus compromissos. No entanto, em vez de caminhar em direção à porta, Miłosz

parou perto da janela e observou a luz que incidia sobre o piso de madeira.

— Sabe que ontem não tirei uma das fotos? — perguntou.

— Não sabia. Pensei que tivesse concluído todo o material.

— Concluí. Mas ainda existe um enquadramento que gostaria de fazer.

— Para quê?

— Para mim.

— Miłosz, este apartamento já está praticamente entregue.

— Eu sei.

— Então acho que não deveríamos começar outra sessão de fotos.

Ele se virou na minha direção.

— Você sempre precisa ter a última palavra?

— Só quando alguém tenta prolongar um trabalho sem combinar as condições.

— Nesse caso, temos algo em comum.

Não respondi. Ele tinha razão, mas eu não pretendia facilitar as coisas.

— Marta quer conversar conosco — disse finalmente.

— Eu sei. Ela me escreveu.

— E, naturalmente, não pensou em me avisar.

— Não sabia se você viria.

— Estou aqui desde cedo.

— Não foi isso que eu quis dizer.

O tom de sua voz mudou. Já não havia brincadeira, e percebi que a conversa que havíamos evitado na noite anterior acabara de encontrar uma nova oportunidade para acontecer.

— Então o que você quis dizer? — perguntei.

Miłosz colocou o copo sobre a bancada e enfiou as mãos nos bolsos da jaqueta.

— Marta recebeu uma proposta da revista Wnętrza Krakowa. Eles querem publicar uma matéria sobre o apartamento. Precisam de algumas fotografias adicionais, uma breve descrição do projeto e autorização para utilizar as imagens.

— Como você sabe?

— Ela me ligou ontem à noite.

— Para mim, também escreveu dizendo que tinha algo para conversar. Não mencionou a revista.

— Talvez quisesse contar para nós dois juntos.

Olhei para o celular. De fato, Marta não havia fornecido detalhes. Mas eu sabia que aquela publicação poderia ser importante para mim. Trabalhara naquele interior durante vários meses. Era o primeiro projeto em que me permitiram executar plenamente minha própria concepção, desde a distribuição funcional dos espaços até a escolha do último detalhe. Uma publicação em uma revista especializada poderia me ajudar a conseguir novos trabalhos e, acima de tudo, mostrar que eu era capaz de conduzir um projeto de forma independente.

— É uma boa notícia — falei com cautela.

— Também acho.

— Então precisamos descobrir exatamente o que eles esperam.

— Foi por isso que vim.

— Não. Você veio porque esqueceu o estojo.

— Uma coisa não exclui a outra.

Olhei para ele, incrédula.

— Você realmente pretende aproveitar qualquer oportunidade para aparecer neste apartamento?

— Não qualquer uma.

— Apenas as que tenham uma justificativa adequada?

— Depende de quão boa seja a justificativa.

Não sorri, embora tivesse vontade.

— Não quero que comecemos a misturar assuntos profissionais com questões pessoais.

— Não precisamos fazer isso.

— Ontem também não precisávamos.

Por um instante, ele me encarou sem dizer nada. Não pretendia retirar aquela frase. Eu não havia dito nada que não considerasse verdadeiro.

— Você tem razão — respondeu finalmente.

Aquilo me surpreendeu mais do que qualquer brincadeira.

— Que bom que pelo menos concordamos em alguma coisa.

— Mas não vou fingir que não gosto de estar com você.

Ele disse aquilo tranquilamente. Sem tentar aliviar a tensão e sem recorrer a uma piada para escapar do assunto.

Por um segundo, esqueci os documentos.

— Que gentil da sua parte.

— Não pareceu que eu estava fazendo um elogio.

— Talvez porque eu não saiba o que fazer com ele.

— Você não precisa fazer nada.

Eram justamente respostas assim que tornavam difícil conversar com ele. Miłosz conseguia dizer algo pessoal e, logo depois, deixar toda a responsabilidade pelo significado daquelas palavras nas minhas mãos.

Antes que eu pudesse responder, o interfone tocou. Marta.

Deixei-a subir, enquanto Miłosz voltou para o café. Alguns minutos depois, a proprietária entrou no apartamento com um sorriso largo e uma bolsa grande pendurada no ombro.

— Vocês dois estão aqui! Perfeito.

Marta tinha cerca de quarenta anos, a energia de alguém que sempre tinha três ideias a mais do que seria capaz de realizar e uma habilidade extraordinária para tomar decisões de última hora. Trabalhar com ela não era exatamente fácil, mas eu apreciava seu entusiasmo. Ela não tratava o design de interiores como se fosse simplesmente comprar almofadas para um apartamento novo.

Ela observou a sala mais uma vez, elogiou a iluminação e contou que, na noite anterior, havia mostrado as fotografias a uma amiga que trabalhava em uma redação.

— E sabem de uma coisa? Eles gostaram tanto que querem fazer uma matéria maior. Não apenas uma apresentação do imóvel, mas uma história sobre um apartamento que preservou o caráter de um edifício

histórico e, ao mesmo tempo, ganhou uma vida completamente nova.

Sorri.

— Isso realmente parece interessante.

— Eles querem oito fotografias, talvez nove, além de uma descrição do conceito. O prazo é até a próxima quinta-feira. Se vocês aceitarem, a redação pretende publicar a matéria no início do próximo mês.

— Oito fotografias? — perguntou Miłosz.

— Sim. Mas não quero simplesmente repetir o que já temos. Gostaria de algumas imagens de detalhes, talvez com uma iluminação um pouco diferente. E um texto que mostre por que escolhemos essas soluções.

Marta olhou para mim.

— Natasza, a concepção é sua. Gostaria que você preparasse a descrição. E você, Miłosz, poderia fazer as fotografias. É claro que os dois serão creditados na matéria.

Naquele primeiro instante, senti entusiasmo. Logo depois, comecei a calcular os compromissos.

— Preciso conferir minha agenda — respondi.

— Entendo. Não quero impor nada a vocês.

— Não é uma questão de imposição. É só que já tenho outro projeto programado.

Marta assentiu.

— Então conversem entre vocês e vejam se é possível. Gostaria muito que trabalhassem juntos, porque o apartamento está assim justamente graças à parceria de vocês.

Miłosz olhou para mim.

— Eu tenho interesse.

É claro que tinha.

— Eu ainda não tomei uma decisão — respondi.

— Natasza tem razão — disse Marta. — Primeiro as condições, depois os compromissos. Vou enviar uma mensagem com as exigências da redação.

Alguns minutos depois, assinamos os documentos e Marta recebeu as chaves. Quando ela saiu, fiquei sozinha com Miłosz. Não havia mais motivo algum para permanecermos ali.

— Você não precisa aceitar — disse ele.

— Eu sei.

— Mas seria uma pena.

— Para o projeto ou para você?

Ele me olhou com um leve sorriso.

— Não vou fingir que seria apenas pelo projeto.

Peguei a pasta e a coloquei debaixo do braço.

— Tenho uma condição.

— Estou ouvindo.

— Se trabalharmos juntos, combinaremos tudo com antecedência. Escopo, prazos, direitos de uso das fotografias e a maneira como a matéria será creditada. Não quero surpresas depois.

— De acordo.

— E não pretendo passar horas extras com você só porque resolveu ajustar a iluminação pela décima vez.

— Essa é uma promessa que posso fazer com uma pequena ressalva.

— Qual?

— Se você começar a mudar o vaso de lugar em três centímetros, talvez eu não consiga me controlar.

Dessa vez, ri.

— Não era um vaso. Era uma composição.

— Claro.

Saímos juntos para a escada do prédio. Lá embaixo, parei perto da porta de entrada.

— Vou mandar uma mensagem quando decidir.

— Tudo bem.

— Não ligue antes disso.

— Não vou ligar.

— E não deixe mais nada no apartamento.

— Vou tentar.

— Miłosz.

— Sim?

— Estou falando sério.

Ele me olhou por um instante e depois assentiu.

— Eu sei, Natasza.

Saí para a rua primeiro. Tinha um sábado livre pela frente, algumas coisas para resolver e, finalmente, poderia voltar ao meu apartamento sem pensar nos móveis de outra pessoa. Não pretendia permitir que uma proposta profissional virasse minha agenda de cabeça para baixo.

No entanto, quando entrei no carro, meu celular vibrou.

Era uma mensagem de Miłosz.

Sobre o projeto: tenho algumas ideias para os enquadramentos adicionais. Sobre o lado pessoal: não vou fingir que não estou esperando sua decisão.

Li duas vezes.

Não respondi imediatamente. Coloquei o celular no banco do passageiro e liguei o motor. Só no primeiro semáforo, quando os carros pararam em uma longa fila, voltei à mensagem.

Envie as ideias. O resto deixamos para depois.

Ele respondeu quase imediatamente.

Isso já é alguma coisa.

Eu não sabia se estava falando do projeto ou de nós dois. E, pela primeira vez em muito tempo, não tinha certeza se realmente queria saber a resposta.

Capítulo 2 - Oito enquadramentos

Na segunda-feira, às dezessete e trinta, eu estava sentada à minha mesa, no meu apartamento, tentando decidir se oito fotografias seriam suficientes para contar a história de um interior que havia ocupado os últimos quatro meses da minha vida.

Na tela do computador, estava aberto o documento com as exigências da redação. Marta o havia enviado na noite anterior, e eu já tivera tempo de lê-lo três vezes. A revista não queria apenas fotografias, mas também uma breve descrição das premissas do projeto, informações sobre os materiais utilizados e algumas frases sobre a história do edifício. O prazo era realmente curto, mas viável.

Em circunstâncias normais, eu teria começado a trabalhar imediatamente.

Dessa vez, porém, estava esperando uma mensagem de Miłosz.

Não pretendia esconder isso de mim mesma. Pela manhã, ele havia enviado um link para uma galeria com sugestões de enquadramentos adicionais, mas, em vez de encaminhar as imagens como anexos, convidou-me ao seu estúdio para que pudéssemos examiná-las em um monitor maior. Segundo ele, alguns detalhes exigiam a comparação entre várias versões, e eu não queria tomar decisões com base em pequenas prévias.

Era uma justificativa racional.

Pelo menos pela metade.

Às dezessete e quarenta, fechei o laptop, troquei de roupa e saí. Miłosz me passou o endereço na rua Józefa, em

um dos edifícios históricos de Kazimierz. O estúdio ficava no primeiro andar, acima de uma pequena oficina de cerâmica. Quando cheguei, o cheiro de argila úmida e café recém-passado se espalhava pela escadaria.

Bati duas vezes.

A porta se abriu quase imediatamente.

— Pontual — observou ele.

— Não queria dar motivos para mais comentários.

— Que pena. Preparei alguns.

— Guarde para depois.

Ele me deixou entrar.

O estúdio era maior do que eu imaginava. Não parecia um escritório fotográfico convencional. Ao longo de uma das paredes havia estantes com livros sobre arquitetura, fotografia e arte. Perto da janela ficava uma grande mesa de trabalho, coberta de impressões, cadernos e algumas câmeras. Mais ao fundo, havia uma estação de computador com dois monitores. Tudo estava organizado, mas não de maneira estéril. Parecia um lugar onde alguém realmente trabalhava, e não apenas recebia clientes.

— Pensei que fotógrafos tivessem mais equipamentos à mostra — comentei.

— Eu tenho. Só não preciso deixar tudo espalhado pelo caminho.

— Então existe alguma coisa que você não fotografa.

— Não fotografo a minha própria bagunça. Não gostaria de prejudicar minha reputação.

Ele tirou a jaqueta e indicou uma cadeira perto da mesa.

— Café?

— Desde que você não me diga que o seu é o melhor de Cracóvia.

— Não pretendia. É apenas bom o suficiente para dispensar propaganda.

Ele me entregou uma xícara e se sentou à minha frente. Só então percebi que havia preparado miniaturas impressas das fotografias do apartamento. Cada uma tinha um número e, no verso, uma pequena anotação. Ao lado delas, estava a planta do imóvel, com os pontos de onde ele pretendia fotografar devidamente marcados.

— Você fez tudo isso desde sábado? — perguntei.

— Parte já estava pronta. Preparei os outros enquadramentos ontem.

— Não precisava imprimir o conjunto inteiro.

— Eu sei. Mas consigo comparar melhor as imagens no papel. Na tela, tudo parece um pouco perfeito demais.

Ele empurrou a primeira fotografia na minha direção.

A imagem mostrava a sala em um enquadramento amplo, incluindo as janelas, o sofá e parte da estante. A luz entrava lateralmente, destacando a textura do piso de madeira. A fotografia era boa, mas faltava alguma coisa que a diferenciasse de uma apresentação imobiliária comum.

— Essa fica — disse eu. — Mostra a distribuição do espaço.

— Concordo.

— A segunda também. A cozinha com a vista para a mesa.

— Essa me deixou em dúvida.

— Por quê?

— Está correta, mas não conta nada de novo.

Observei a fotografia. Ele tinha razão. A cozinha estava bonita, mas um enquadramento semelhante poderia ter sido feito em dezenas de outros apartamentos.

— Podemos fotografar do outro lado. Assim, mostramos a passagem entre a cozinha e a sala.

— É exatamente o que estou propondo.

Durante os quinze minutos seguintes, conversamos sobre composição. Discordamos em alguns pontos, mas a conversa fluiu de maneira surpreendentemente fácil. Miłosz não defendia cada fotografia apenas porque tinha sido ele quem a fizera. Conseguia admitir quando minha ideia fazia sentido e, quando discordava de mim, explicava seus motivos.

Foi uma descoberta agradável.

Eu conhecia muitas pessoas que tratavam qualquer crítica como uma ofensa pessoal. Miłosz escutava antes de responder. Não precisava estar certo em todas as questões para se sentir seguro.

Na terceira fotografia, parei por mais tempo.

— Essa está boa.

A imagem mostrava uma pequena parte do hall de entrada. Uma porta antiga, a maçaneta original preservada, uma luminária nova e uma parede clara. Não era possível ver o ambiente inteiro, apenas a combinação dos materiais e da iluminação.

— Foi exatamente por isso que a fiz — disse ele.

— Porque queria mostrar a maçaneta?

— Porque não queria que tudo parecesse novo.

Observei a fotografia novamente.

— A maioria dos clientes espera justamente esse resultado. Tudo novo, uniforme, combinando.

— E você?

— Acho que um apartamento deve parecer um lugar onde alguém realmente poderia morar. Não um catálogo.

— Eu sei.

Levantei os olhos.

— Como?

— Porque, durante todo o projeto, você fez questão de não eliminar coisas que tinham significado para aquele lugar. Mesmo quando Marta quis substituir as portas antigas, você a convenceu a preservar a estrutura original.

Não esperava que ele se lembrasse disso. Havíamos conversado sobre aquelas portas durante uma das primeiras visitas, quando mostrei a planta e expliquei por que não queria substituí-las por modelos novos. Depois, o assunto desaparecera em meio a dezenas de outras decisões.

— Foi uma boa decisão — falei.

— Foi uma decisão sua. Isso já era suficiente.

Coloquei a fotografia sobre a mesa.

— Você não precisa me convencer do meu próprio projeto.

— Não estou tentando.

— Então o que está fazendo?

— Mostrando que presto atenção.

Aquela frase permaneceu entre nós. Miłosz levou a xícara aos lábios, como se não tivesse acabado de dizer nada